



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/  
CIÊNCIAS DA NATUREZA**



**GABRIELA SALES DE MOURA**

**A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL:  
EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM O AMBIENTE  
SEMIÁRIDO (e-CASA)**

**PICOS-PI  
2019**

**GABRIELA SALES DE MOURA**

**A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL:  
EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM O AMBIENTE  
SEMIÁRIDO (e-CASA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros como requisito à obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

**Orientador(a):** Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**M929i** Moura, Gabriela Sales de.

A importância da extensão para a formação inicial: experiências no espaço de convivência com o ambiente semiárido (e-Casa). / Gabriela Sales de Moura. -- Picos,PI, 2019.

41 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais.”

1. Extensão Universitária. 2. Educação Ambiental (UFPI).  
3. Formação Acadêmica. I. Título.

**CDD 378.175**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*

GABRIELA SALES DE MOURA

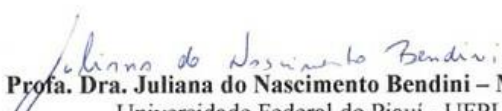
**A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL:  
EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM O AMBIENTE  
SEMIÁRIDO (e-CASA)**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo/Ciências da Natureza, pela Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvidio Nunes de Barros.

**Orientador(a):** Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais

Banca Examinadora:

  
**Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais – Orientador(a)**  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

  
**Profa. Dra. Juliana do Nascimento Bendini – Membro 1**  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

  
**Profa. Catiana da Conceição Vieira Melquiades – Membro 2**  
Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

Aprovado em 14 / 05 / 2019

“*O sertanejo é, antes de tudo, um forte.*” (Euclides da Cunha, 1985).

Dedico este trabalho a todos os fortes, que fazem da terra seu insumo de vida, que lutaram e lutam todos os dias para que o campo seja visto como parte de uma nação rica, mas, que ainda perpetua as desigualdades de classe, gênero e lugar social, ao sertanejos que fizeram do curso de Educação do Campo uma realidade e uma bandeira pela qual se orgulha em lutar.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha realidade hoje, ao aproximar-me da conclusão de mais uma graduação, me leva a agradecer, sobretudo e em primeiro lugar, a Deus, por seu imenso amor e fidelidade em cuidar de mim e de minha família.

A minha mãe Francisca Maria Sales, por ser um exemplo de mulher, por ser essa guerreira que nos ensinou a fazer da vida uma luta constante, mas acima de tudo, um testemunho de amor e de dedicação ao próximo. Aos meus filhos Maria Clara e Isaac, mais que agradecer preciso desculpar-me, pelas ausências, pelos abraços não dados, pelas brincadeiras não feitas. Mas deixo também, meu exemplo que tudo que sonhamos precisamos lutar para conquistar.

Aos meus irmãos Laécio, Eliésio e Lenice por serem meus primeiros companheiros de vida.

Aos meus avós Maria e José que sempre me apoiaram e vibraram com minhas vitórias.

Agradeço em especial ao meu esposo, Paulo Santos Martins, pessoa fundamental para concretização dos meus principais sonhos, pela compreensão, pelo silêncio nas horas certas, a palavra amiga oportuna, por amar-me e consolar-me, por ser meu motorista e por sermos o orgulho um do outro. Obrigada por ser quem você é.

Aos amigos e amigas, Raiane, Jocélia, Francisca Patrícia e Vaneilson, a eles agradeço, por compartilharmos todos os bons e maus momentos dessa jornada e da vida, pelos risos, lágrimas e pelas brigas até que nos fizeram crescer.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais, pelas valiosas contribuições, confiança e apoio.

A Universidade Federal do Piauí pela oferta do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza.

A esta terra que me acolhe e frutifica para receber seu povo, pois parafraseando Gonçalves Dias, porque aqui tudo que se planta dá.

Já que existe no Sul esse conceito que o Nordeste é ruim é sempre ingrato  
Já que existe a separação de fato é preciso torná-la de direito.  
Quando um dia qualquer isso for feito todos vamos lucrar imensamente  
Começando uma vida diferente da que a gente até hoje tem vivido  
Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente

Dividido a partir de Salvador  
O Nordeste seria outro país  
Vigoroso, leal, rico, feliz  
Sem dever a ninguém no exterior  
Jangadeiro seria o Senador  
O caçador de roça era o Suplente  
Cantador de viola o Presidente  
O vaqueiro era o líder do partido  
Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente

Em Recife o distrito industrial  
O idioma ia ser nordestinense  
A bandeira de renda cearense  
Asa Branca era o Hino Nacional  
O folheto era o símbolo oficial  
A moeda o tostão de antigamente  
Conselheiro seria o inconfidente  
Lampião o herói esquecido  
Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente

O Brasil ia ter que importar  
Do Nordeste algodão, cana e caju  
Carnaúba, Laranja e Babaçu  
Abacaxi e o sal de cozinhar  
O arroz o agave do lugar  
O petróleo, a cebola, a aguardente  
O Nordeste é alto suficiente  
Seu lucro seria garantido  
Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente

Se isso aí se tornar realidade  
E alguém do Brasil nos visitar  
Nesse novo país vai encontrar  
Confiança, respeito e amizade  
Tendo o pão repartido na metade  
Tem o prato na mesa, cama quente  
Brasileiro será irmão da gente  
Vá prá lá que será bem recebido  
Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente

Eu não quero com isso que vocês  
Imagine que eu tento ser grosseiro  
Pois se lembre que o povo brasileiro  
É amigo do povo português  
Se um dia a separação se fez  
Todos dois se respeitam no presente  
Se isso aí já deu certo antigamente  
Nesse exemplo concreto e conhecido  
Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente (3x)  
Imagine o Brasil ser dividido...  
. . . O povo já não é tão besta  
(Almir Rouche, Nordeste Independente)



## RESUMO

O presente trabalho trata da formação inicial de estudantes de graduação envolvidos no Programa de Extensão Educação Ambiental na UFPI: diálogo entre universidade e escola para a convivência com o Semiárido. O enfoque da pesquisa foi a importância da extensão para a formação dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e da Licenciatura em Ciências Biológicas, do CSHNB/UFPI. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a importância da extensão para a formação inicial dos estudantes/bolsistas de graduação do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA), e mais especificamente identificar os modos de participação de estudantes/bolsistas de graduação nas atividades do e-CASA; descrever as aprendizagens, na relação teoria e prática, ocorridas durante a participação dos estudantes/bolsistas de graduação neste espaço; bem como examinar os elementos das experiências que contribuíram para a formação inicial dos estudantes. A pesquisa é caracterizada como sendo de caráter qualitativo, procedimento bibliográfico e também de campo, tendo como amostra três professores atuantes no projeto e-CASA e cinco alunos dos cursos de Biologia e de Educação do Campo. A pesquisa teve como instrumento um roteiro de entrevista semiestruturado. Obteve-se como resultados o fato de que os entrevistados tem conhecimento consistente quanto aos conceitos de extensão e sobre sua importância para o público atendido pelo programa de extensão, bem como reconhecem os seus benefícios para a comunidade acadêmica e para a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Extensão. Universidade. Formação Inicial. Escola.

## **ABSTRACT**

The present work deals with the initial training of undergraduate students involved in the Environmental Education Extension Program at UFPI: a dialogue between university and school to coexist with the Semi-arid. The focus of the research was the importance of the extension to the training of students of the Degree in Field Education/Natural Sciences and the Degree in Biological Sciences, CSHNB/UFPI. The objective of this study is to analyze the importance of extending the initial training of undergraduate students/scholarship students from the Space of Living with the Semi-arid Environment (e-CASA), and more specifically to identify ways of participation of undergraduate students/scholars e-CASA activities; to describe the learning, in the relation theory and practice, occurred during the participation of students/scholarship holders in this space; as well as examining the elements of the experiences that contributed to the initial training of students. The research is characterized as being of qualitative character, bibliographical and also field procedure, having as sample three teachers working in the e-CASA project and five students of the Biology and Field Education courses. The research had as instrument a script of semi-structured interview. The results obtained are the fact that the interviewees have a consistent knowledge of the concepts of extension and its importance for the public served by the extension program, as well as recognize its benefits for the academic community and for society.

**KEYWORDS:** Extension. University. Initial formation. School.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**UFPI** – Universidade Federal do Piauí

**e-CASA** – Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 IMBRICAÇÕES ENTRE A EXTENSÃO, A FORMAÇÃO INICIAL E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Extensão Universitária</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Formação Inicial</b>	<b>21</b>
<b>2.3 Convivência com o Semiárido</b>	<b>22</b>
<b>3 CAMINHOS DA PESQUISA</b>	<b>25</b>
<b>4 EXTENSÃO NA FORMAÇÃO: ESTRATÉGIA PARA O DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE</b>	<b>26</b>
<b>5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da formação inicial de estudantes de graduação envolvidos no Programa de Extensão *Educação Ambiental na UFPI: diálogo entre universidade e escola para a convivência com o Semiárido*, que tem como objetivo desenvolver ações de Educação Ambiental no âmbito da UFPI para convivência com o Semiárido, voltadas para escolas de Educação Básica no campo. O Programa é desenvolvido no âmbito do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA), um espaço físico e simbólico, construído na Universidade Federal do Piauí (UFPI), no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB).

O e-CASA surgiu da vontade dos professores que tinham projetos individuais e precisavam de um espaço para funcionar, portanto com ajuda dos acadêmicos construíram o e-CASA, foi necessário muito esforço físico e determinação dos mesmos. O e-CASA foi construído em 2017. O programa congrega as ações dos seguintes projetos de extensão: *Meliponário Didático: uma estratégia para conservação de abelhas sem ferrão no Semiárido piauiense* – Coordenado pela Profa. Dra. Juliana do Nascimento Bendini, *Botânica em Cinco Sentidos* – Coordenado pela Profa. Dra. Maria Carolina de Abreu, *Reaproveitamento de resíduos orgânicos e compostagem* – Coordenado pela Profa. Me. Edneide Maria Ferreira da Silva, *Sementes crioulas do semiárido piauiense: resgate do patrimônio genético* – Coordenado pela Profa. Dra. Michelli Ferreira dos Santos, todos vinculados aos dois eixos que constituem o programa, a Educação do Campo e a Convivência com o Semiárido. O programa atende, prioritariamente, crianças e jovens de escolas públicas da macrorregião de Picos, no Piauí.

O e-CASA foi bastante visitado de 2018 a 2019, já foram cerca de 448 visitantes, entre alunos de escolas públicas e de instituições de ensino superior. Durante as visitas são desenvolvidas atividades educativas executadas por bolsistas e voluntárias e acompanhada por professores da UFPI: primeiro é realizada uma palestra, voltada para questões ambientais e convivência com o Semiárido, que engloba as ações dos projetos; em seguida os estudantes vivenciam na prática o contato com cada projeto de forma lúdica, os estudantes são vendados, e através dos cinco sentidos vão percebendo os cheiros, sabores, texturas e sons das plantas e do ambiente; quando chegam ao meliponário didático conhecem as abelhas sem ferrão, é aberto uma das colmeia e os visitantes se encantam em ver as abelhas, seres tão pequenos, produzir algo tão gostoso, nesse processo os bolsistas apresentam-lhes a abelha rainha e suas

operárias e saboreiam o mel retirado no momento, direto da colmeia; depois, os estudantes vão para o viveiro conhecer as sementes crioulas e sua importância para a soberania alimentar das populações. No viveiro são desenvolvidos jogos educativos com os visitantes, que ao final da visita recebem mudas de plantas nativas; na composteira há a demonstração de como é produzido o composto a partir de resíduos orgânicos. Para manutenção do e-CASA existe um calendário de agitação e mutirões para grandes limpezas.

O enfoque da pesquisa foi a importância da extensão para a formação dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e da Licenciatura em Ciências Biológicas, do CSHNB/UFPI. Extensão entendida como:

[...] o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias. (PAULA, 2013, p. 6)

A extensão, portanto, cumpre um importante papel de confrontar os estudantes com a realidade, de modo a transformar a realidade em que se inserem. Um importante aspecto de sua formação.

Tendo o mais visível de sua ação voltada para a relação dialógica com a sociedade, a extensão universitária tem também uma importante função interna na universidade, que é o fato de abrigar órgãos e desenvolver atividades que permitem a decisiva interligação entre a cultura científica e a cultura das humanidades. (PAULA, 2013, p. 21)

Nesse sentido, no e-CASA é desenvolvido um conjunto de projetos que são voltados para a Educação Ambiental e para a conservação do meio ambiente, com foco na convivência com o Semiárido. Atua como um laboratório de pesquisa, de extensão e experiências para os estudantes das licenciaturas em Educação do Campo e Ciências Biológicas.

No escopo do Programa de Extensão podemos destacar a formação ofertada em minicursos e oficinas, que abrange “[...] alunos e professores envolvidos no programa, a fim de qualificá-los para a mediação na recepção dos visitantes.” (UFPI, 2017, p. 7). Nesse sentido, o projeto oferece cursos de formação aos estudantes bolsistas e voluntários, fortalecendo seus conhecimentos sobre Educação Ambiental e formas de permanência e valorização do Semiárido, preparando-os para receberem os estudantes das escolas públicas.

Desse modo, a pesquisa propõe investigar o e-CASA como espaço de formação de agentes modificadores da realidade, multiplicadores de saberes que semeiam ações de proteção e preservação do meio ambiente e de convivência com o Semiárido.

A definição da temática se deu em virtude da relevância de se discutir as ações extensionistas no processo de formação inicial de professores, posto que é imprescindível que a Educação Superior se alicerce não apenas no ensino, mas também na pesquisa e na extensão, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996: “Art. 43. [...] VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a importância da extensão para a formação inicial dos estudantes/bolsistas de graduação do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA). E, para atingir o objetivo geral foram delineados os seguintes objetivos específicos: identificar os modos de participação de estudantes/bolsistas de graduação nas atividades do e-CASA; descrever as aprendizagens, na relação teoria e prática, ocorridas durante a participação dos estudantes/bolsistas de graduação no e-CASA; examinar os elementos das experiências que contribuíram para a formação inicial dos estudantes.

A fim de atingir os objetivos propostos no desenvolvimento desta pesquisa, foi necessária a realização de entrevistas com os professores responsáveis pelos projetos e pela construção e manutenção do e-CASA e estudantes vinculados aos projetos, que são acadêmicos dos cursos de Biologia e de Educação do Campo, no intuito de encontrar resposta para o seguinte questionamento: quais as contribuições das experiências no e-CASA para a formação inicial de estudantes de graduação e orientandos de extensão?

Portanto, partimos do pressuposto dos benefícios que os projetos de extensão proporcionam na vida dos acadêmicos, dada a sua relevância no desenvolvimento integral dos mesmos, possibilitando articular os conhecimentos teóricos com a prática e vivenciar momentos únicos de troca de saberes, o que permitirá uma construção de conhecimentos mais sólidos, uma vez que, na grande maioria das licenciaturas, a parte prática do curso e a troca de conhecimentos e vivências são destinadas apenas ao componente curricular Estágio Supervisionado.

Os resultados poderão contribuir para a afirmação das ações e para a reconfiguração da atuação de professores e estudantes no Programa. Apresentará, ainda, reflexões sobre o tema que possam subsidiar outros estudos. A pesquisa está alicerçada nos escritos de autores como Silva (2010), Kochmann (2017), Puhl e Dresch (2016), Scheidemantel, Klein e Teixeira (2004), Mendonça et al. (2013), Reis (2010), Lobo Filho (2001), Gatti (2013; 2014), Baptista; Campos (2013), Malvezzi (2007) e Moura; Pereira (2013).

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro apresenta o referencial teórico

que fundamenta as discussões entre formação inicial, extensão e convivência com o Semiárido; o segundo indica o caminho metodológico seguido na consecução da pesquisa; o terceiro traz os resultados e discussões a partir das entrevistas realizadas com professores e alunos do e-CASA.



## 2 IMBRICAÇÕES ENTRE A EXTENSÃO, A FORMAÇÃO INICIAL E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Tem se tornado cada vez mais frequente a busca por modos de convivência harmoniosa com o meio ambiente, sem degradá-lo. Mas, para isso, uma boa educação torna-se imprescindível. Nesse sentido, existe a Lei Nº 9.795, de 27 de Abril de 1999, que regulamenta o que se denomina Educação Ambiental, a qual prevê que compete ao poder público:

Definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhorias do meio ambiente (BRASIL, 1999).

Dessa forma, é notório que a Educação Ambiental deve ser praticada e ensinada em todos os níveis e modalidades de educação e que a sociedade possui a missão de transformar o meio ambiente no sentido de recuperá-lo e preservá-lo.

Pensando desta maneira, um grupo de professores da UFPI reuniu projetos de extensão que trabalham com temáticas semelhantes, voltadas à Educação Ambiental e à convivência com o Semiárido, preocupados com a formação e a atuação de seus alunos, bem como com a sociedade em geral, e construíram o Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA), espaço que funciona como uma extensão das salas de aula, pois auxilia na consolidação dos conhecimentos que são ensinados em salas de aula convencionais, contribuindo com o processo de formação inicial dos acadêmicos.

Os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, assim como as demais licenciaturas, formam professores para atuarem no Semiárido, no entanto, muitas vezes essa formação não é suficiente. A consequência é o desconhecimento, por parte do futuro professor, sobre a cultura, os costumes, o bioma, o que impacta sobre a qualidade do seu trabalho, uma vez que sabemos que:

A região semiárida é constituída por uma diversidade de povos, culturas, saberes e ambientes que precisam ser reconhecidos e valorizados como forma de garantir a consolidação de políticas educativas que contribuam na formação de sujeitos críticos e autônomos. (SILVA, 2010, p. 11).

Desse modo, acreditamos que a aproximação do educando com a sua profissão tem que ser cada vez mais cedo, buscando sensibilizá-lo para o papel de agente de transformação social, que contribui para a preservação do patrimônio cultural e natural do Semiárido.

O programa de extensão e-CASA promove experiências de convivência para o Semiárido, não só para os visitantes, mas para os estudantes/bolsistas envolvidos,

enriquecendo seus conhecimentos teóricos e práticos, como a preservação das abelhas, a preservação das sementes crioulas, o reaproveitamento de resíduos, o despertar dos cinco sentidos no contato com a natureza. Sobre isso o escopo do programa apresenta:

O desenvolvimento de ensino e pesquisa, a partir dos projetos de extensão, constituem a estrutura básica deste programa, pois o espaço é eminentemente experimental e demonstrativo. A intenção é que as atividades desenvolvidas sejam base para a formação de alunos dos diferentes cursos de graduação, na elaboração de trabalhos de conclusão de curso, na iniciação científica, em estágios, na elaboração de artigos, livros, aulas de campo e outras experiências que incluam ensino, pesquisa e extensão. (UFPI, 2017, p. 7)

O Semiárido sempre sofreu difamação pelos meios de comunicação, que só fazem alusão ao Nordeste nos períodos de estiagem, quando as chuvas são escassas, mostrando a seca, o sofrimento e o descaso com os povos do campo. É comum vermos na TV imagens de caveiras de animais mortos, por causa da seca, de famílias passando sede e fome. (REIS, 2010). De fato, essas imagens retratam uma realidade, mas não só da região Nordeste, a fome também assola grandes regiões do Sul, Norte, etc. Porém, a mídia não divulga as potencialidades da região como a criação de bodes que são resistentes a longos períodos de estiagens, a produção do mel, da cera da carnaúba e a agricultura familiar. Essas potencialidades e tantas outras não tem divulgação nas grandes mídias e isso denota formas de marginalização e de preconceito que todos os dias o homem do campo enfrenta.

A educação oferecida no Semiárido brasileiro está fora do contexto e da realidade existente na região. Nesse sentido, Reis (2010) afirma que é “esteriotipação” quando criam um personagem, descrevem apenas um período da região, apresentam uma versão deturpada do Nordeste, mostram o povo do Semiárido como matutos, não valoriza suas potencialidades, e ainda disseminam, através dos livros didáticos, a figura do homem do campo, retrata sofrimento e abandono. Essas negatividades acabam sendo, inconscientemente, interiorizadas pelos alunos e cabe ao professor contribuir com a desmistificação e resgate da valorização desses sujeitos e de suas identidades de modo a transformar sua realidade. “É essa negatividade que se criou do semiárido brasileiro e que ainda está presente entre nós e que terminamos por assumi-la e proliferá-la”. (REIS, 2010, p. 112).

Cabe também às instituições de Ensino Superior desmistificar o Semiárido. É isso que o e-CASA intenciona, ao propor o diálogo entre universidade e escola, propagando a compreensão de que a vida no Semiárido é viável. Nessa direção a escola tem papel importante, pois pode atuar na valorização do contexto:

Compreendendo a extensão como ambiência acadêmica, pode-se ampliar a formação do professor para que ao imergir no processo da indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão tenham novas possibilidades de compreensão do real

e possam construir uma práxis que entenda a escola como o espaço formativo dentro de um contexto e no contexto da comunidade em que está inserida (KOCHHANN, 2017, p. 290).

A partir do pensamento de Kochhann (2017) podemos afirmar que é por meio dos projetos de extensão, que os acadêmicos tem a possibilidade de fazer uma aprendizagem contextualizada, pois o ensino é direcionado, levando em consideração as vivências, os conhecimentos prévios, o contexto no qual os acadêmicos estão inseridos. Os projetos de extensão valorizam o conhecimento empírico, fortalecendo e agregando ao conhecimento sistematizado.

Com base ainda no pensamento de Kochhann (2017) podemos analisar o papel das instituições formadoras que não se resume apenas ao ensino:

A categoria efetivação do tripé pesquisa, ensino e extensão é uma perspectiva presente em ações contínuas e processuais e também quando a instância acadêmica assume a extensão como parte integrante de suas atividades. Para isso é preciso a compreensão de que a universidade é o centro por excelência da pesquisa e esta viabiliza o ensino e a extensão ou a extensão viabiliza a pesquisa (KOCHHANN, 2017, p. 290).

A educação, em todos os níveis e modalidades, precisa difundir que o Semiárido também é local de prosperidade e avanço. E, para isso, além de investimento e suporte em políticas públicas e não em programas de assistencialismo, precisamos através da educação escolar e familiar, sensibilizar jovens, crianças e adultos para assumirem suas identidades camponesas, mostrarem para o mundo suas qualidades e que mesmo diante das adversidades, existem formas de viver bem no Semiárido. Segundo Reis:

[...] não somente nessa região, mas em todo o Brasil, a educação somente será um direito efetivo, quando cada um de nós no lugar onde nos encontramos, puder contribuir com a nossa parte nessa caminhada em direção à transformação das pessoas para que elas possam mudar o atual estado das coisas. (REIS, 2010, p. 129).

Partindo dessa premissa, temos a educação como a principal chave de mudanças para a transformação, seja no Semiárido ou em qualquer outro cenário. Porém, sabemos que é preciso mudar a educação, pois muitas vezes os professores que atuam no campo não têm qualificação para trabalhar a diversidade cultural e as características próprias do campo e, essa problemática, acaba por mascarar uma falsa educação que não leva o sujeito do campo a progredir.

## 2.1 Extensão Universitária

Hoje em dia sabemos que a educação e a formação acadêmica nas universidades estão alicerçadas no ensino, na pesquisa e na extensão, formando assim um tripé indissociável e indispensável para a formação humana. O Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciência da Natureza deixa nítido, no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), a importância desse tripé quando explica que:

A lógica da formação na Universidade Federal do Piauí aponta para a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, tendo por base o compromisso da instituição com a produção de novos conhecimentos, desenvolvimento da capacidade de adaptar-se às mudanças e ao atendimento das necessidades da comunidade onde a mesma está inserida. (UFPI, 2017, p. 60).

Podemos analisar que o PPC da LEdoC preconiza que o ensino, a pesquisa e a extensão são inseparáveis, já no PPC da Licenciatura em Ciências Biológicas só faz menção a extensão quando se refere ao pressuposto teórico metodológico do currículo: “Garante um ensino problematizado e contextualizado, assegurando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” (UFPI, 2006, p. 13). De acordo com Puhl e Dresch (2016, p. 38):

A indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão possibilita novas formas pedagógicas de reprodução, produção e socialização de conhecimentos efetivando a interdisciplinaridade. Ela oportuniza também superar a dicotomia entre teoria/prática, sujeito/objeto, empiria/razão, construindo fundamento epistêmico.

A extensão hoje em dia para as universidades serve como ferramenta indispensável para a construção do diálogo social, firmando compromisso de troca de conhecimento entre universidade e comunidade, fortalecendo e solidificando esse conhecimento, como um via de mão dupla, em que ambas são beneficiadas.

A extensão exerce um papel essencial de aproximação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, que são essenciais na formação de profissionais, que saberão respeitar a diversidades que encontrarão nas escoas do campo onde atuarão. Segundo Scheidemantel, Klein e Teixeira (2004, p. 2):

A universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio. A extensão universitária deve funcionar como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dessas comunidades.

Uma das práticas de extensão que está presente em todas as licenciaturas é o Estágio Supervisionado que faz parte do componente curricular de Estágio Obrigatório. Podemos considerar que ele tem um caráter extensionista, pelo fato de neste período os acadêmicos terem a oportunidade de colocar em prática seus conhecimentos científicos. Todavia, pode ser

que esse contato, por ser o primeiro durante a sua vida acadêmica, se torne algo que leve à frustração de muitos acadêmicos, pois muitas vezes estes saem das universidades cheios de expectativas e quando chegam na sala de aula são impedidos de pô-las em prática em virtude das dificuldades que apresenta a maioria das escolas públicas.

Por isso, torna-se mister que as Universidades busquem formas de engajar seus alunos em projetos de pesquisa e extensão, os formando melhor e os tornando conhecedores e detentores de poderes, o que resultará em profissionais preparados para atuarem e se sobressaírem das prováveis adversidades que encontrarão na profissão de professor.

Assim, podemos conceituar a extensão universitária como parte da formação humana, pois ela oferece condições para que o aluno aprenda a relação do que a universidade ensina com as práticas sociais.

Por meio da extensão, alunos adquirem e transformam conhecimentos técnicos em ações beneficentes e solidárias. Todo conhecimento adquirido vai melhorar o aprendizado do aluno e da população, ou seja, extensão é a integração da universidade com a comunidade. (MENDOÇA et al., 2013, p. 152)

A extensão é como um elo de ligação entre universidade e comunidade que permite um envolvimento e uma apropriação de saberes, tanto dos conhecimentos científicos, como do conhecimento popular, de modo que esses conhecimentos estejam no mesmo patamar, cada um com sua devida importância e valores, para o fortalecimento da formação dos acadêmicos e da comunidade.

Na extensão, espera-se que haja um ganho acadêmico para a instituição, isto é, que as ações desenvolvidas sejam internalizadas como testes de metodologia para trabalhos comunitários, conhecimento de problemas reais da sociedade, experiências profissionais para professores e estudantes, desenvolvimento de procedimentos e normas técnicas, em resumo, uma via de duas mãos, em que a IES colabora com a sociedade, mas internaliza conhecimentos e experiências indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento. (LOBO, FILHO, 2001, p. 3).

Partindo dessa premissa, a extensão contribui significativamente, com os professores das universidades, para os alunos e para a sociedade. Dessa forma, podemos concluir que uma formação inicial do professor de qualidade está balizada no ensino, na pesquisa e na extensão.

De acordo com Puhl, Dresch (2016, p. 53):

A organicidade do tripé universitário constitui um movimento da formação superior constituindo uma síntese dos três movimentos acadêmicos que caracterizam a educação acadêmica universitária. São os processos do ensino, que constitui o ato de apresentar às novas gerações os conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade, cabendo ao estudante a sua apropriação e aprendizagem; as dinâmicas da construção de novos conhecimentos, que requerem a realização da pesquisa seja esta empírica ou teórica; e a extensão que configura-se na relação com e na sociedade na qual a universidade está inserida, que possibilita a retro-alimentação do ensino e pesquisa. São os movimentos de mútua influência e contribuição: o ensino que baliza a pesquisa e extensão; e estas que desafiam e provocam a re-significação

e re-elaboração e a construção de novos conhecimentos, os quais por sua vez provocam novas pesquisas e extensões universitárias.

Se partirmos do pressuposto de que a educação universitária se faz a partir do processo de ensino de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, e que os acadêmicos conseguem se apropriar deles, torna-se fundamental que esses ensinamentos sejam entrelaçados com a pesquisa, posto que esta provoca no aluno o desejo de construir novos conhecimentos e com a extensão que possibilita ao estudante compartilhar e aprender com a sociedade. É válido afirmar que a formação inicial é o processo educativo em que o sujeito se apropria de conhecimentos teóricos e práticos e de experiências, em que se desenvolvem humanamente e profissionalmente para o trabalho.

## **2.2 Formação Inicial**

A política de formação inicial de professores, no Brasil, vem avançando cada vez, principalmente a partir das exigências de formação exaradas na LDB de 1996 e expressas nas metas do Plano Nacional de Educação (PNE). Uma das expressões desse avanço é a abertura de cursos de licenciatura tanto presencial, como na modalidade de Educação à Distância (EaD). Pensando na qualidade dos profissionais que se deseja formar, as universidades buscam cada vez mais a excelência no ensino e uma das formas são os programas de extensão universitária que possibilitam ao aluno unir os conhecimentos teóricos com a prática das escolas, um dos campos de aplicação dos projetos. Nesse viés, Gatti (2013) sinaliza que:

Alguns programas foram recentemente implementados como política que pretende incidir na qualidade da formação inicial de docentes, tais como, em nível nacional, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), em níveis estaduais, o Programa Especial de Formação de Professores da Zona Rural (Profir) do estado do Acre, o Programa Bolsa Estágio Formação Docente do estado do Espírito Santo, e o programa Bolsa Formação – Escola Pública e Universidade, do estado de São Paulo. O surgimento dessas iniciativas, pelos documentos que as fundamentam, deve-se à constatação da necessidade de melhor qualificar a formação inicial de professores para a educação básica e, em última instância, de ajudar na melhor qualidade da educação escolar de crianças e jovens. São programas sinalizadores de que as licenciaturas não estão oferecendo formação adequada aos futuros docentes. (GATTI, 2013, p. 41).

Através desses programas os acadêmicos têm a oportunidade de terem contato mais próximo e real com a sua futura profissão, pois muitas vezes o pólo prático do curso de formação inicial é destinado somente ao componente curricular Estágio Supervisionado.

No que tange à articulação teoria e prática, a Resolução CNE/CP Nº 02/2015, que trata da formação inicial, no seu artigo 5º, inciso V, prevê que deve haver:

[...] a articulação entre a teoria e a prática no processo de formação docente, fundado no domínio dos conhecimentos científicos e didáticos, contemplando a indissociabilidades entre ensino, pesquisa e extensão. (BRASIL, 2015).

Por isso, se faz necessário que os futuros profissionais tenham uma formação calcada nesse tripé, de modo que os prepare para lidar com as dificuldades que enfrentarão na profissão e que também os conscientize da importância do seu papel na sociedade, ainda que eles, enquanto professores, não sejam capazes de mudar o mundo sozinhos, mas exercerão uma grande influência para essa mudança acontecer.

### **2.3 Convivência com o Semiárido**

O Semiárido é característico da região do Nordeste e de parte de Minas Gerais e abriga o único bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga, diverso em espécies animais e vegetais, com grande potencial e que assegura a vida de muitas famílias originárias do semiárido, como de boa parte da alimentação do país.

Além disso, segundo dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Semiárido tem extensão total de 982 563,3 km<sup>2</sup>. Dessa área, a Região Nordeste concentra em torno de 89,5%, abrangendo a maioria dos estados nordestinos, com exceção do Maranhão, e o Estado de Minas Gerais, situado na Região Sudeste, que possui os 10,5% restantes (103 589,96 km<sup>2</sup>). O Semiárido brasileiro é composto por 1 262 municípios, dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. Os critérios para delimitação do Semiárido foram a precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; o índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50 e; o percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano.

Porém, é uma região marginalizada por muitos que acreditam ser local de atraso, por passar por um longo período com baixos índices pluviométricos. Possivelmente o que falta nessa região são políticas públicas que assegurem a continuidade de programas, não só de assistencialismo, como por exemplo o programa de abastecimento de água por caminhões pipas, que são um paliativo e não uma solução. Em contrapartida, os programas das cisternas são de grande importância, mas não chegam a todos os sertanejos, e aos que chegam, só dispõem de assistência na fase de instalação das mesmas. Não existe um acompanhamento do trabalhador do campo, que fica sem suporte para desenvolver as atividades que dependem da água.

Nesse viés, reconhecemos que conviver com o Semiárido é saber lidar com suas intempéries climáticas, respeitar a natureza, buscando o desenvolvimento sustentável, valorizar a sua arte, cultura e identidade. Na perspectiva de Baptista e Campos (2013), a convivência com o Semiárido ocorre da seguinte forma:

Conviver com o Semiárido significa viver, produzir e desenvolver-se, não dentro de uma mentalidade que valoriza e promove a concentração de bens, mas sim enfatiza a partilha, a justiça e a equidade, querendo bem à natureza e cuidando de sua conservação. Conviver com o Semiárido não significa apenas empregar tecnologias diferentes, quer sejam baratas ou caras. Significa abraçar uma proposta de desenvolvimento que afirma ser o semiárido viável, ser o seu povo inteligente e capaz, ser a natureza do semiárido rica e possível, desde que os seres humanos com ela se relacionem de modo respeitoso e que haja políticas públicas adequadas. (BAPTISTA; CAMPOS, 2013, p. 52).

O que é preciso compreender é que a seca não é a grande vilã do Semiárido, e sim um fenômeno climático. Nesse sentido, Malvezzi (2013) diz que:

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de “acabar com a seca”, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (MALVEZZI, 2007, p. 12).

A vida no Semiárido não é fácil, assim como a educação ofertada não é simples, vem marcada por muitas lutas dos movimentos sociais. Embora a origem do Brasil seja agrária, os governantes, propositadamente não demonstram querer que os povos do campo tenham educação com um mínimo de qualidade, pois há uma disparidade entre a educação oferecida no campo em relação ao meio urbano, embora o Art. 28 da Lei de Diretrizes e Bases Nº 9.394/96 determine que:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (grifo nosso). Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (Incluído pela Lei nº 12.960, de 2014) (BRASIL, 1996).

A educação para a convivência com o Semiárido tem que ser feita de forma contextualizada, pois essa é a educação que permite o desenvolvimento das pessoas, da comunidade e da sociedade, como afirmam Baptista e Campos (2013):

Esta educação nós a denominamos de contextualizada, na medida em que ela parte da realidade da vida, com seus limites e potencialidades, e constrói conhecimentos para a modificação dessa mesma realidade, considerando as pessoas como



produtoras de conhecimento. Este artigo contribui para trazer elementos de reflexão sobre essa realidade educacional, sua importância, seus limites e potencialidades na convivência com o Semiárido. (BAPTISTA; CAMPOS, 2013, p. 84).

Com base no relato de Baptista e Campos (2013), analisamos que as escolas no Semiárido não ofertam educação contextualizada para a convivência com o semiárido mas incentivam o êxodo rural. Essa saída do campo faz com que a maioria de jovens se desloque em busca de trabalho, porém, por não possuírem um grau elevado de escolaridade, acabam sendo escravizados nas grandes metrópoles ou em fazendas.

Para a superação da compreensão negativa acerca do Semiárido, torna-se imprescindível a formação de professores do campo para atuarem no campo, porque a realidade dos professores que atuam nas escolas do campo é triste, muitas vezes vem da cidade e não conhecem e nem tem interesse em conhecer a realidade da comunidade e, por muitas vezes, não tem nenhum tipo de formação adequada para exercer a profissão. Em muitas escolas os cargos de professores são barganhas políticas.

Portanto, defendemos a importância da educação para a convivência com o Semiárido, com políticas de valorização dos povos do campo, mostrando que o campo também é local de evolução e crescimento. Uma educação que possibilite a elevação da autoestima e o reconhecimento da identidade dos sujeitos que vivem no Semiárido e isso se faz com uma educação verdadeiramente contextualizada.

### 3 CAMINHOS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, elaborada com base em levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, ou seja, a importância da extensão para a formação inicial de estudantes dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e de Ciências Biológicas. Para coletar informações sobre as experiências no Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA) foi realizada pesquisa de campo.

Além do levantamento bibliográfico, como procedimento metodológico, a pesquisa teve como instrumento um roteiro de entrevista semiestruturado, que foi aplicado a estudantes e professores integrantes do Programa de Extensão.

A entrevista foi aplicada no período de fevereiro a março de 2019, a fim de captar relações subjetivas, entre os aspectos teóricos e práticos da relação entre a experiência da extensão e a formação na licenciatura. Segundo Severino (2007, p. 124), a entrevista é:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. [...] O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e perguntam.

Após a produção dos dados do referencial teórico, dos questionários utilizados nas entrevistas, estes foram relacionados e analisados para saber quais as contribuições da extensão para a formação inicial de professores.

#### **4 EXTENSÃO NA FORMAÇÃO: ESTRATÉGIA PARA O DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE**

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa e as discussões sobre a temática da extensão na formação inicial, com base nas experiências dos sujeitos no Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA). Para isso foram realizadas entrevistas com os alunos bolsistas e voluntários e com os professores envolvidos no programa. Todas as informações coletadas dos alunos e dos professores são de suma importância para este trabalho.

As perguntas da entrevista (APÊNDICE A) indagam sobre a compreensão do que é extensão, sobre o ponto de vista acerca das contribuições que as experiências no e-CASA trouxeram para a formação inicial dos estudantes orientandos e sobre como acontece o diálogo entre universidade e escola no âmbito do e-CASA.

A primeira indagação foi sobre a compreensão que os entrevistados têm sobre o que é extensão. A maioria dos alunos participantes do e-CASA tiveram a mesma compreensão representada nas falas dos Alunos 1, 2 e 3, que definiram extensão como: “[...] algo fora da sala de aula e que existe uma troca de conhecimento”, porém a Aluna 4 teve uma compreensão diferente dos demais, relatando que “extensão são projetos desenvolvidos a longo prazo”, dessa forma podemos ratificar que a maioria dos alunos participantes do e-CASA tem uma compreensão a partir do que eles mesmos vivenciam no e-CASA.

Os Alunos 1, 2 e 3 conseguem definir o papel da extensão que é promover o conhecimento de modo a beneficiar tanto as universidades como as comunidades, tornando-se um viés de troca de conhecimentos, valores e cultura. A extensão tem a capacidade de promover uma relação de mão dupla que aproxima universidade e comunidade ou vice e versa. (SCHEIDEMATEL; KLEIN; TEXEIRA, 2004).

Em relação aos professores entrevistados a respeito do que eles entendem por extensão, todos revelaram ter a mesma compreensão a respeito de extensão, que podemos destacar nas falas dos Professores 1 e 2:

[...] atividade de extensão compreendo que é aquela capaz de contemplar a comunidade externa. A universidade entra com o conhecimento que nela está sendo desenvolvido. (Professora 1, 2019, Entrevista)

[...] é a troca do conhecimento entre a clientela interna e externa [...]. (Professora 2, 2019, Entrevista)

A Professora 3 comunga da mesma compreensão dos demais, quando afirma que extensão é:

[...] a relação dessa intercessão da comunidade interna com a comunidade externa [...] extensão realmente é a troca de conhecimento entre comunidade interna e a comunidade externa [...] (Professora 3, 2019, Entrevista).

A entrevistada ao longo de sua concepção sobre extensão vai citando exemplos de trabalhos avaliados por ela em evento de extensão que não eram de extensão, mas de pesquisa. Neste sentido a Professora 3 exemplifica ainda sobre o projeto de uma colega, que trabalha com agricultura familiar:

[...] o trabalho da horta das mulheres [...], elas estão aqui comercializando seus produtos, mostrando a forma de produção delas, quem quiser perguntar pra elas as coisas pode perguntar. Isso é extensão, e o que a gente faz no e-CASA, a gente recebe as crianças. Essas crianças estão vindo aqui. Isso é extensão. Extensão é a troca [...]. (Professora 3, 2019, Entrevista).

Essa dificuldade apontada pela Professora 3, de que alguns professores universitários confundem a extensão com a pesquisa, de fato ambos têm particularidades, no entanto, são atividades que estão entrelaçadas no projeto de universidade e no PPC do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, que traz no seu escopo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (UFPI, 2017).

Sabemos que para acontecer uma formação inicial de qualidade é preciso preconizar e concretizar o ensino, a pesquisa e a extensão, a universidade é por excelência o espaço de efetivação desse tripé, onde tanto a pesquisa possibilita o ensino e a extensão, quanto a extensão possibilita o ensino e a pesquisa. (KOCHHANN, 2017).

Concluimos, com base nas falas dos entrevistados e com a corroboração dos autores aludidos ao longo dessa discussão, que a extensão funciona fortalecendo o conhecimento entre universidade e comunidade. Essa relação acaba, muitas vezes, com a utopia que muitos têm das universidades serem algo muito distante dos sonhos de pessoas marginalizadas, pois os projetos de extensão têm também uma função social de aproximar conhecimentos científicos do conhecimento popular, fazendo com que esses conhecimentos sejam valorizados nas suas significâncias.

Ao avaliarmos as respostas dos sujeitos a respeito das contribuições do e-CASA para a formação inicial, podemos perceber, que o Aluno 1 despertou para a pesquisa:

[...] me despertou foi para o lado da pesquisa participando das atividades do e-CASA, [...] sobre o e-CASA, eu tenho uns dois ou três trabalhos escritos. (Aluna 1, 2019, Entrevista).

Na fala da Aluna 1 fica nítida a importância de programas de extensão para os acadêmicos, pois o e-CASA é um verdadeiro laboratório que auxilia na formação dos estudantes.

Para a Aluna 4 o e-CASA contribuiu para sua formação como futura professora, pois as experiências no programa ajudaram a vencer as dificuldades de se expressar, além de contribuir na sua forma de administrar suas futuras aulas:

Foi justamente isso e a questão de saber me expressar apesar de ainda ter uma dificuldade. Mas me ajudou bastante na forma de dar aula, até na metodologia. [...] Me abriu uma visão muito ampla sobre ciências, principalmente sobre o Semiárido. [...] Me deixou mais segura na hora de dar uma aula.

Com base nesses dois relatos fica evidente a relevância dos projetos extensionistas, pois oportuniza aos acadêmicos o crescimento profissional, a exemplo da Aluna 1, que já participou de vários eventos e publicou trabalhos científicos, de forma diferente, mas também teve suas contribuições também para a Aluna 4, que se sente mais confiante para vencer e crescer nas próximas etapas de sua formação.

Podemos destacar que os projetos de extensão contribuem de forma bastante significativa na vida dos licenciandos, proporcionando um contato inicial com sua futura profissão, possibilitando conhecer a realidade das comunidades onde provavelmente atuarão como professores, contribuindo para a articulação entre teoria e a prática, “elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura”. (GATTI, 2013-2014, P. 41).

No entanto, para os Alunos 2, 3 e 5, embora eles afirmem que o e-CASA contribuiu com os seus conhecimentos, não explicitando quais são esses conhecimentos, deste modo podemos concluir os entrevistados 2, 3 e 5 não conseguiram alcançar a ideia proposta pela indagação, porém analisamos que, por mais que os alunos não conseguiram expor ou elencar as contribuições que o e-CASA os ofereceu, e evidente que algo de positivo ficará marcado na vida deles.

Para os Professores 1 e 2 uma das contribuições do e-CASA para os alunos orientandos está no exercício de relações interpessoais, frisando que no e-CASA viram muito, nas ações promovidas no espaço, a coletividade e a união dos mesmos. Sabemos que isso é fundamental para o andamento dos projetos. A Professora 2 ressalta que:

[...] o principal sentimento que em minha opinião permeia os alunos é o de que a união faz a força. [...] para a formação inicial dos alunos trouxe muito do poder da união e que em conjunto, em colaboração se faz uma educação bem mais sólida. (Professora 2, 2019, Entrevista).

Dessa forma, para que os projetos de extensão aconteçam de fato é necessário que todos os envolvidos estejam engajados e dispostos a se doarem, para poderem progredir e atender as demandas que o projeto propõe. Comunga do mesmo pensamento a Professora 3 que acrescenta a seguinte reflexão:

Olha, eu acredito que os alunos foram extremamente importantes [...] na minha concepção foi trabalhado muito o espírito de trabalho em grupo, [...] de contribuição de coletivismo, de cooperativismo [...]. (Professora 3, 2019, Entrevista)

Discordando um pouco das reflexões das Professoras 2 e 3, a Professora 1 teve uma aproximação das reflexões sobre as contribuições do e-CASA para os Alunos 1 e 4, quando afirma que:

[...] Percebo que os alunos diretamente envolvidos tornam-se sujeitos mais desenvolvidos e participativos. Isso tanto no próprio espaço como em sala de aula. Outra contribuição é que os mesmos aprendem a organizar melhor seus horários e atividades, o que certamente em muito os favorece no espaço social. (Professora 1, 2019, Entrevista).

A resposta da Professora 1 foi bastante incisiva acerca das contribuições que a extensão proporciona aos discentes, uma vez que a mesma interfere positivamente na formação inicial dos estudantes. Por mais que não sane todas as deficiências da graduação, mas certamente contribui para a formação docente, por exemplo, ao exercitarem o espírito de coletividade ou a relacionarem teoria e prática, competências tão importantes para a docência. Uma das intenções das experiências no e-CASA é justamente auxiliar na formação dos acadêmicos das licenciaturas, servindo de suporte no desenvolvimento de trabalhos científicos, em estágios etc. (UFPI, 2017a).

Outra questão que o e-CASA proporciona é a formação sobre questões ambientais e convivência com o Semiárido. Sabemos que grande parte dos formados em licenciaturas provavelmente e em especial os da Licenciatura em Educação do Campo irão atuar em escolas do campo e o e-CASA, nesse sentido, sensibiliza os estudantes sobre as questões ambientais, de se preservar o meio ambiente e sobre formas de convivência com o Semiárido. Isso é bastante válido porque mesmo quem vive no Semiárido às vezes desconhece suas riquezas e acaba por desvalorizá-las, portanto vejo a importância desses novos profissionais com agentes transformadores da realidade social, com a missão de desmistificar o Semiárido. (REIS, 2010).

Como diz Euclides da Cunha: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Na verdade o homem do campo é forte não só por sobreviver as adversidades do clima Semiárido, mais por enfrentar os preconceitos que o seu lugar, seu chão sofre, não é de hoje que o nosso Semiárido sofre com o estigma de local seco e de atraso. Queria poder dizer que esses preconceitos partissem apenas das regiões Sul e Sudeste, mas infelizmente ainda tem pessoas nordestinas que desconhecem as potencialidades da sua própria região, principalmente os mais jovens, que negam suas origens por desconhecer a importância de sua região tanto economicamente

como culturalmente. Buscamos saber quais aspectos da experiência os alunos e professores envolvidos no programa e-CASA consideram importantes para a suas formações em relação a convivência com o Semiárido? Essa indagação se faz necessária para avaliarmos como os nossos futuros professores do campo estão sendo formado acerca do nosso Semiárido. Para as alunas 2 e 3 o e-CASA possibilitou a conhecerem o Semiárido pois acreditavam no estigma de que o Semiárido era um lugar seco sem vida quando afirmam:

[...] eu achei importante nessa experiência foi que aprendi a conhecer o Semiárido, sobre o qual eu não tinha conhecimento científico, não tinha o conhecimento sobre o Semiárido. Eu pude saber o que é que acontece nesse semiárido. (Aluna 5, 2019, entrevista)

É o conhecimento mais aprofundado do que é o Semiárido e a importância do Semiárido, por que eu não sabia, a princípio eu achava que semiárido era o clima quente seco e alguns períodos de chuvas não sabia a importância e quanto tão rico ele é o semiárido[...] (Aluna 2, 2019, entrevista).

Podemos enfatizar a importância de se ter no ensino superior programas de extensão voltados para a realidade da vida tanto dos acadêmicos como da comunidade e que produzam conhecimentos, que possibilitem a transformação, seja pessoal ou social. Ainda sobre o relato da aluna 2 que afirma:

[...] tão rico é o Semiárido, principalmente para nós que vamos ser educadores do campo para a gente saber contextualizar, [...] conhecer a nossa realidade do Semiárido para a gente poder contextualizar em sala de aula [...] (Aluna 2, 2019 entrevista)

No relato da aluna 2 podemos perceber que ela sabe que a educação não pode ser feita de qualquer jeito, que a educação precisa ser contextualizada e para se fazer educação contextualizada o professor precisa compreender o espaço em que a escola está inserida. Compreendemos que a educação contextualizada parte da realidade de vida dos sujeito e que ela solidifica conhecimentos que transformam essa realidade de vida. A contextualização valoriza os sujeitos tornando-os detentores de conhecimentos (BAPTISTA; CAMPOS, 2013)

Para a aluna 1 a experiência no e-CASA para a sua formação com o Semiárido é de suma importância, pois a mesma já buscava transformar a realidade de sua família quando relata:

[...] aprendi no e-CASA que eu posso fazer na minha casa, o meu pai é agricultor, e aí eu posso muito bem chegar pra ele e: olha eu tenho uma maneira aqui como tu vai desenvolver algo que tu vai fortalecer o teu plantio sem precisar usar agrotóxico, assim eu posso usar esse conhecimento que adquiri aqui justamente no e-CASA pra ajudar ele.

No discurso da aluna 1 fica nítido o papel da extensão de aproximar o conhecimento científico com o conhecimento popular, quando o conhecimento da aluna se entrelaça com o do seu pai, e ela consegue fazer com seu pai busque novas formas de produzir sem usar o

agrotóxico, mostra o poder que a educação tem de transformar vidas. Se pensamos que a aluna pode mudar a forma de seu pai produzir, imagina numa sala de aula o poder que o professor tem de transformação através da educação contextualizada.

No entanto, para os alunos 3 e 4 as experiências no e-CASA acerca de suas formações sobre o Semiárido, os sensibilizou sobre a importância de preservar o meio ambiente e valorizar o nosso Semiárido, quando enfatizam:

O e-CASA é um espaço de convivência com Semiárido, tentamos mostrar as riquezas que o nosso Semiárido tem e produz, não só o que eles pensam o que é Semiárido. Fala em Semiárido e a pessoa já pensa o local seco sem vida. No nosso projeto tivemos a chance de mostrar para eles que o Semiárido é rico tanto na sua fauna e na sua flora. [...] precisa ter mais projetos de extensão voltados pra o Semiárido para que possa trazer uma ideia para as pessoas de conservação. (Aluno 3, 2019, entrevista).

O programa e-CASA é um espaço de convivência com o ambiente Semiárido e de preservação do meio ambiente, sabemos o quanto é importante difundir a necessidade de preservar o meio ambiente, pois vivemos no mundo globalizado e capitalista, e o e-CASA se torna ferramenta importante de expandir informações que desmistifiquem o Semiárido e exalte a cultura local, demonstrando que é “viável, por ser o seu povo inteligente e capaz, ser a natureza do semiárido rica e possível, desde que os seres humanos com ela se relacionem de modo respeitoso e que haja políticas públicas adequadas”. (BAPTISTA; CAMPOS, 2013, p. 52).

A concepção dos professores são bastante distintas, de fato a indagação é muito particular, uma vez que cada professor tem uma formação bastante particular a respeito das experiências extraídas do programa e-CASA em relação ao Semiárido.

A professora 1 assimilou que mesmo sendo difícil conviver no Semiárido, existem formas de se conviver com ele. Para Malvezzi (2013) “O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele”.

Mesmo sendo de difícil permanência, é possível sim minimizar as dificuldades de convivência no Semiárido. Entretanto, acredito que ações de conscientização ambiental são urgentes para barrar a degradação ao meu ambiente, conseqüentemente ao homem que nele se estabelece. (Professora 1, 2019, entrevista).

Partindo desses dois pensamentos podemos compreender que o Semiárido não tem que ser transformado, mas que os sujeitos precisam compreender e se adequar as suas características e buscarem formas de preservação para viverem bem com o meio ambiente, e que o poder público disponibilize políticas de permanência e valorização do semiárido.

A professora 2, podemos observar no seu relato que o que mais a marcou foi dar valor ao trabalho quando afirma que:



[...] o que mais conta na minha formação hoje é dar valor ao trabalho, eu vejo isso principalmente no período seco, se a gente não der valor ao que foi construído a força que a gente empenhou, [...] não consegue que aquele espaço ele continue vivo, por que o período é muito, muito severo e isso me remete muito a vida do sertanejo, [...] para ser cultivado, [...] de cuidar mesmo no período seco, mas no Semiárido em si a gente não tem essa oportunidade de se tá aguando planta [...] e ver que o sertanejo consegue, de ano a ano, se superar em todo período seco e com as chuvas se alegrar novamente e reviver novamente. Acho que é muito poético isso daí.

No relato da professora 2 podemos analisar que as experiências do e-CASA contribuíram como verdadeiro laboratório do que seja a vida do sertanejo, pois professores e bolsistas sentem na pele os desafios e frustrações que o sertanejo sente, sobretudo no cultivos das plantas, no período de estiagem.

E por fim a professora 3 retrata a questão de que o e-CASA permite que se trabalhe de forma contextualizada com o Semiárido.

[...] o e-CASA contribui muito nesse sentido de contextualização em práticas sustentáveis de convivência com regime do Semiárido. (Professora 3, 2019, entrevista).

A respeito da questão de como acontece o diálogo entre a universidade e a comunidade os Alunos 1, 2 e 5 afirmaram que o diálogo é bom e articulado e descrevem as atividades que desenvolvem no e-CASA. Já as Alunas 3 e 4 tiveram uma concepção mais ampla acerca do diálogo entre universidade e escola, relatando que:

O diálogo é leve, [...] na universidade você tem muito como algo superior, uma língua que nem todo mundo entende, o diálogo que lá aconteceu é um diálogo leve, como trabalhávamos com crianças de fundamental, deixávamos ele o mais dinâmico, mais leve, mais fácil de compreender possível, desenvolvemos diversas atividades que envolviam o falar, para que fosse algo bem dinâmico para que eles pudessem absorver o máximo de conhecimento possível. (Aluna 3, 2019, Entrevista).

A Aluna 4 foi bem objetiva e clara no seu esclarecimento acerca de como acontece o diálogo ente a universidade e a comunidade, quando assegura:

[...] tentamos ao máximo fazer um diálogo transparente, procuramos não usar uma linguagem difícil [...] a linguagem nos slides é toda adaptada para que eles possam entender a nossa explicação [...] é um diálogo fácil, em que ensinamos e aprendemos com a comunidade. (Aluna 4, 2019, Entrevista).

Podemos analisar que as compreensões das Alunas 3 e 4 condizem com o que vimos afirmando, que a extensão promove a reciprocidade de conhecimento entre universidade e comunidade, portanto o diálogo precisa ser acessível e de fácil compreensão, porém ao adequar o conhecimento científico é preciso preservar a sua essência. Neste sentido, a Professora 2 destaca:

O diálogo entre a universidade e a escola acontece muito nas trocas que ocorrem, a gente pode ver isso nas visitas dos alunos, como os nossos universitários se colocam, o medinho de receberem turmas. Quanto mais velhos são os alunos mais

medo os bolsistas extensionistas têm e tentam se preparar e tentam agilizar como vai ser a visita. Eu acho que o diálogo acontece quando há essa troca, quando o conhecimento científico e o conhecimento popular que as crianças sempre trazem, quando eles se irmanam numa ideia só, então é muito bonito quando o universitário fala de *mentha piperita* e a criança fala de hortelã. Então o científico e o popular se juntam e tem esse link. É impossível não ter esse diálogo. (Professora 2, 2019, Entrevista).

A Professora 1 descreve como as escolas visitantes e a universidade se relacionam para agendar as visitas e como os universitários as recebem no e-CASA:

Confesso que a logística de divulgação não é por mim de todo conhecida. Entretanto, até onde procurei me informar, após a divulgação do espaço, há a manifestação da escola em ir ao local. A partir disso, é construído um calendário de visitas. No dia, as escolas são recepcionadas inicialmente no Auditório, onde todas as atividades são sucintamente apresentadas e em seguida há a divisão dos visitantes em grupos que são orientados pelos alunos das atividades e inicia-se a visitação. (Professora 1, 2019).

O que acontece no espaço do e-CASA é uma troca de conhecimentos entre os acadêmicos e as escolas visitantes. Extensão tem esse caráter de transmissor e receptor de conhecimentos. (SCHEIDEMANTEL; KLEIN; TEIXEIRA, 2004).

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A extensão é uma parte do tripé que compõe as universidades, as quais devem, indissociavelmente, aliar o ensino, a pesquisa e a extensão. No propósito de analisar a importância da extensão para a formação inicial dos estudantes/bolsistas de graduação do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA) pudemos perceber que os sujeitos demonstraram um saber consistente acerca da extensão e de seu papel para a universidade, apesar de perceber-se algumas conceituações construídas com base no senso comum.

Ficou evidente o envolvimento dos participantes com o e-CASA, que se revela como algo além de um programa, tornou-se parte da vida de algumas dessas pessoas e é justamente isso que traz vida ao espaço porque ele agrega vidas, vivências e saberes. Saberes estes disseminados para os estudantes da Educação Básica.

Os estudantes/bolsistas participam ativamente do e-CASA e revelam o quanto esta experiência tem sido engrandecedora para eles, melhorando seu currículo acadêmico e sua formação estudantil de maneira prática, efetivando aprendizagens que tornam a teoria uma alicerce para vivenciar a prática.

A pesquisa aqui empreendida revela o quanto o Semiárido é rico e pode ser um espaço proporcionador de aprendizagens, de maneira que o e-CASA permite aos alunos da universidade e da comunidade estarem em contato direto com este ambiente, contribuindo imensamente para a formação inicial dos acadêmicos, pois uma vez vivendo esta experiência, poderão enquanto futuros professores, estimular seus alunos a viver a pesquisa no seu espaço.

O e-CASA é um projeto enriquecedor, verdadeiramente extensionista, pois, pode-se dizer que as pessoas dialogam concretamente neste ambiente.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, N. Q.; CAMPOS, C. H. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades. In: CONTI, I. L, SCHROEDER, E. O. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Brasília: Ed. Editora IABS, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 30 set. 2018.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura e para a formação continuada**. Resolução CNE/CP Nº. 02/2015. Brasília, 2015.
- BRASIL, **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Brasília, 1999.
- GATTI, B. A. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, 2014. p. 33-46.
- KOCHHANN, A. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Teias**, v. 18, n. 51, out/dez. 2017.
- LOBO, R. L.; FILHO, S. **A extensão universitária: definição, propósitos, estratégias e ferramentas**. [S.I]: Instituto Lobo, 2001. Disponível em: <[http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art\\_023.pdf](http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art_023.pdf) > Acesso em: 26 fev. 2019.
- MALVEZZI, R. **Semi-árido: Uma Visão Holística**. 1. ed. Brasília: Imprinta Express Gráfica e Editora LTDA, 2007.
- MENDOÇA, I. et al. Extensão universitária em parceria com a sociedade. **Cadernos de graduação-Ciências Humanas e Sociais**, v.1., 2013. p.149-155.
- MOURA, L. S.; PEREIRA, V. A. Educação do Semiárido: A Contextualização na escola campesina Expedito Albano de Moura na interface com o uso do livro didático. In: SANTOS et al. **Convivência e Educação do Campo no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro: Gráfica e Editora Printpex, 2013.
- PAULA, J. A. de. A Extensão Universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, jul./nov. 2013. p. 5-23.
- PUHL, M. J.; DRESCH, Ó. I. O Princípio da Indissociabilidade Entre Ensino, Pesquisa e Extensão e o Conhecimento. **Rev. Di@logus**. v. 5, n. 1, 2016.
- REIS. Educação para convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. In: SILVA. C. M. S. et al. **Semiárido Piauiense: Educação e Contexto**. Ed. Campina Grande: Triunfal gráfica e editora, 2010. p. 109-130.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São

Paulo: Cortez, 2007.

SCHEIDEMANTELS. E; KLEIN. R; TEIXEIRA. L. I. A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir. In: 2ª Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004. **Anais...** Belo Horizonte: 12- 15 de Setembro, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrent/Direitos/Direitos5.pdf>>. Acesso em: 08 de fev. 2019.

SILVA. C. M. S. et al. **Semiárido Piauiense: Educação e Contexto.** Ed. Campina Grande: Triunfal gráfica e editora, 2010.

UFPI. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI. **Programa de Extensão Educação Ambiental na UFPI:** diálogo entre universidade e escola para a convivência com o Semiárido. Picos, 2017a.

UFPI. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI. **Projeto Pedagógico: Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza.** Picos, 2017b.

UFPI. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI. **Projeto Pedagógico: Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas.** Teresina, 2006.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/CIÊNCIAS DA NATUREZA

**PESQUISA DE TCC:** A Importância da Extensão para a Formação Inicial: Experiências no Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA)

**OBJETIVO DA PESQUISA:** Analisar a importância da extensão para a formação inicial dos estudantes/bolsistas de graduação do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA).

**PESQUISADORA:** Gabriela Sales de Moura

**CURSO:** Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES

**Data da entrevista:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Nome do professor:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

**Idade:** \_\_\_\_ anos

**Curso:** ( ) Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza

( ) Licenciatura em Ciências Biológicas

**Projeto que coordena ou coordenou:**

- ( ) Meliponário Didático: uma estratégia para a conservação de abelhas sem ferrão no semiárido piauiense
- ( ) Botânica em Cinco Sentidos
- ( ) Diálogo entre Educação Ambiental e Arte: sensibilização e produção de artes visuais a partir de papel reciclado
- ( ) Semeando no semiárido: viveiro educador de mudas de espécies crioulas
- ( ) Testagem da Germinação de Sementes de Hortaliças a partir da Modificação de Substrato Obtido na Compostagem

- 1) Você pode contar um pouco sobre as atividades que você desenvolve no e-CASA?
- 2) Qual a importância do e-CASA para você?
- 3) O que você entende por extensão?
- 4) Na sua opinião, que contribuições as experiências no e-CASA trouxeram para a formação inicial dos estudantes orientandos?
- 5) Que dificuldades você encontrou no desenvolvimento das ações do e-CASA?
- 6) Como você acha que contribuiu para a formação dos estudantes das escolas públicas, visitantes do e-CASA?
- 7) Que aspectos da experiência você considera importantes para a sua formação em relação à convivência com o Semiárido?
- 8) Como acontece o diálogo entre universidade e escola no âmbito do e-CASA?

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/CIÊNCIAS DA NATUREZA

**PESQUISA DE TCC:** A Importância da Extensão para a Formação Inicial: Experiências no Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA)

**OBJETIVO DA PESQUISA:** Analisar a importância da extensão para a formação inicial dos estudantes/bolsistas de graduação do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA).

**PESQUISADORA:** Gabriela Sales de Moura

**CURSO:** Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS

**Data da entrevista:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Nome do participante:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

**Idade:** \_\_\_\_ anos

**Função:** ( ) Estudante/Voluntário ( ) Estudante/Bolsista

**Curso:** ( ) Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza  
( ) Licenciatura em Ciências Biológicas

**Projeto em que atua ou atuou:**

- ( ) Meliponário Didático: uma estratégia para a conservação de abelhas sem ferrão no semiárido piauiense
- ( ) Botânica em Cinco Sentidos
- ( ) Diálogo entre Educação Ambiental e Arte: sensibilização e produção de artes visuais a partir de papel reciclado
- ( ) Semeando no semiárido: viveiro educador de mudas de espécies crioulas
- ( ) Testagem da Germinação de Sementes de Hortaliças a partir da Modificação de Substrato Obtido na Compostagem

- 1) Você pode contar um pouco sobre as atividades que você desenvolve no e-CASA?
- 2) Qual a importância do e-CASA para você?
- 3) O que você entende por extensão?
- 4) Que contribuições a experiência no e-CASA trouxe para a sua formação no curso de licenciatura?
- 5) Que dificuldades você encontrou no desenvolvimento das ações do e-CASA?
- 6) Como você acha que contribuiu para a formação dos estudantes das escolas públicas, visitantes do e-CASA?
- 7) Que aspectos da experiência você considera importantes para a sua formação em relação à convivência com o Semiárido?
- 8) Como acontece o diálogo entre universidade e escola no âmbito do e-CASA?

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/CIÊNCIAS DA NATUREZA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título da pesquisa:** A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL: EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM O AMBIENTE SEMIÁRIDO (e-CASA)

**Pesquisadora Responsável:** Gabriela Sales de Moura

**Telefone para contato:** (89) 99947.2415

**E-mail:** gabisales0310@gmail.com

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa, integrada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, que tem como título “A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL: EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM O AMBIENTE SEMIÁRIDO (e-CASA)”. É uma pesquisa conduzida pela discente do curso supracitado, sob a orientação do Professor Dr. Gardner de Andrade Arrais.

Leia cuidadosamente o que se segue e em caso de dúvida você pode procurar a responsável pela pesquisa. No caso de aceitar participar desse estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra, que deverá ser devolvida, é dos pesquisadores. Em caso de não ser de seu interesse, não assine o documento, apenas devolva a pesquisadora.

Diante disso, é de nosso interesse que você participe como voluntário(a) nessa pesquisa, que tem como objetivo geral analisar a importância da extensão para a formação inicial dos estudantes/bolsistas de graduação do Espaço de Convivência com o Ambiente Semiárido (e-CASA). A qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.

As informações prestadas na entrevista serão utilizadas como fonte de informação sobre as contribuições da extensão, a partir da experiência no e-CASA, para a formação inicial dos estudantes participantes do programa. Espera-se com esta pesquisa contribuir para o entendimento da formação de estudantes no âmbito do e-CASA.

Desta forma, solicitamos que, livre e voluntariamente, você participe desta pesquisa, permitindo que a pesquisadora relacionada neste documento obtenha dados, utilizando os seguintes procedimentos: observação e entrevista, necessários ao conhecimento das contribuições da extensão para a formação dos estudantes participantes do programa.

Não haverá qualquer compensação financeira a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo informamos que as informações pertinentes ao estudo ficarão sob propriedade e guarda da pesquisadora. Será mantido sigilo quanto aos nomes dos respondentes.



Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora, através do e-mail e telefone informados acima, na pessoa da Gabriela Sales de Moura.

Na perspectiva de contar com sua valiosa colaboração, desde já agradecemos sua atenção.

**Consentimento da participação na pesquisa como informante**

Eu,

---

declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estar de acordo em participar da pesquisa, sabendo que dela poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

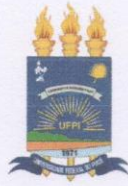
Picos (PI) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do informante



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Gabriela Sales de Moura,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
A importância da extensão para a formação  
inicial: Experiências no espaço de convivência  
com o ambiente semiárido (e-CASA).  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de Agosto de 2019.

Gabriela Sales de Moura  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura